



A ecovila no sul da Bahia
atrai milhares de pessoas
em busca de cura interior

TEXTO KEILA BIS FOTOGRAFIA JOÃO VIANNA

Na Península de Maraú, a duas horas de carro de Ilhéus e a 4 quilômetros da turística Itacaré, existe uma comunidade vivendo com os olhos tão voltados para fora quanto para dentro. Para os 150 habitantes da bela ecovila Piracanga, um centro de cura, localizada numa faixa de terra de 20 hectares (cerca de 28 campos de futebol), com mar, rio, floresta, mangue e muitos coqueiros, o mais importante propósito de vida é o autoconhecimento.

“Essa filosofia em comum nos uniu e incentivou a criar uma microssociedade em que todos buscam viver em pleno amor e respeito – tanto em relação a si próprio, quanto às outras pessoas e ao meio ambiente. Não menos importante é ainda a forte intenção de ajudar a humanidade a ser mais feliz”, explica a carioca Amélia Clark, moradora do lugar há cinco anos junto com o marido, João Vianna (autor das fotos desta reportagem), e do filho, Ruah, 2 anos. E ela logo acrescenta aos menos avisados: “Mas, para tudo isso acontecer, precisamos trabalhar uma série de questões internas, como os nossos medos, julgamentos, angústias, a sensação de solidão... Caso contrário, todo esse querer não se sustenta”.

Amélia é terapeuta e uma das professoras do curso de leitura de aura – que atrai mais de mil pessoas por ano à Piracanga. Ela trabalha ao lado da portuguesa Angelina Ataíde, fundadora da ecovila. “Cheguei aqui de forma curiosa”, relembra a pioneira. “Certa vez, sonhei que vivia num espaço cheio de coqueiros. Depois de muito tempo, vim de férias ao Brasil e, num passeio de barco, avistei o lugar mostrado no sonho.”

Junto com outros investidores europeus, Angelina comprou a terra – uma antiga fazenda de coco – e fez dela, em 2004, um centro holístico com cursos e atendimentos de reiki, interpretação de sonhos e leitura de aura – suas especialidades. Com o tempo, atraídas pelo desejo de viver numa >



Acima, vista de Piracanga: a mesma imagem que a portuguesa Angelina Ataíde (ao lado, de cabelos enrolados) viu em seu sonho, antes de fundar a ecovila. Na varanda de casa, uma das primeiras famílias moradoras do lugar, Amélia, João e Ruah





No alto, Amélia faz a leitura da aura de um dos hóspedes; acima, visitantes participam de encontro numa das ocas com telhado de piaçava e bambu. Ao lado, um dos motivos pelos quais criar os filhos em uma ecovila atrai tantas famílias

ecovila, famílias vindas de diferentes regiões do Brasil e do exterior foram chegando, comprando lotes do terreno e construindo suas casas – muitas dessas pessoas sobrevivendo de renda, trabalhando pela internet ou como terapeuta. No mesmo período, as primeiras pousadas recebiam os hóspedes interessados nas vivências oferecidas.

Harmonia de aura

Na semana em que estive em Piracanga para fazer esta reportagem, pude observar tanto em moradores quanto em visitantes a mudança positiva que acontece na maneira de pensar, sentir, agir, enfim, de viver, dessas pessoas quando exercitam o autoconhecimento em período integral. “Passamos a perceber que somos 100% responsáveis pela realidade que vivemos. Deixamos de culpar os outros pelo que nos acontece, e aprendemos a enxergá-los – e também as situações que se apresentam – como espelhos reveladores do que há dentro de nós”, diz Angelina. “Se temos, por exemplo, raiva e medo, encontraremos esses sentimentos em outras pessoas. Sabendo disso, quando eles surgem, em vez de simplesmente reclamar deles, os encaramos como oportunidades reais de dissolvê-los.”

Uma das maneiras de afinar esse conhecimento de si mesmo – e que mais encanta os visitantes – é a leitura de aura. Munidos da clarividência (percepção visual), clariaudiência (auditiva) e clarissapiência (sensibilidade para captar as informações divinas) – sentidos que quando despertados permitem ver, ouvir e sentir além dos órgãos físicos –, os terapeutas são capazes de trazer à tona emoções e padrões de pensamentos ainda incompreendidos pela pessoa que os consulta e de dar uma pista de como e por que esses sentimentos e crenças nascem.

A geógrafa carioca Christiane Catalão, que escolheu passar férias em Piracanga no último mês de junho para minimizar cri-

ses de ansiedade, além de receber a leitura de aura, também fez o curso preparatório. “Todo mundo pode aprender a técnica. Mas ela é somente a cereja do bolo, pois 90% do curso é de autocura”, explica. Aprende-se, por exemplo, a limpar os pontos de energia e, por meio de muitas experiências, como meditações e terapia de constelação familiar, a eliminar hábitos e pensamentos negativos, medos e conflitos. “Depois de remover essa carga tóxica que sufoca e ofusca o nosso deus interior – que é, na verdade, quem realmente somos –, fica fácil ler a aura de outra pessoa”, afirma Christiane.

A limpeza interior encoraja muitos a fazer o chamado Processo do Caminho de Iluminação, um retiro de 14 dias. Nos quatro primeiros não se come ou bebe nada. Depois, há uma dieta com pouco suco e água de coco, muitos banhos de rio, meditações e encontros com terapeutas.

É precioso sentir

Estar atento aos próprios sentimentos é ferramenta importante utilizada pelos moradores na busca do autoconhecimento. Na Universidade Livre, aberta aos jovens de 18 a 28 anos que vão passar três ou seis meses lá, os visitantes escolhem um ou dois dos projetos de Piracanga para se engajar (como permacultura, marcenaria, cozinha, sala das artes e vídeo e fotografia) e trabalham nesses em período integral, enquanto usufruem das experiências disponíveis aos visitantes (leitura de aura, reiki, oráculo do nascimento...). E, duas vezes por semana, participam de encontros, denominados partilhas, com a guia espiritual Lola Jauregui, uruguaia radicada na Bahia. “É o momento em que eles falam sobre os desafios do dia-a-dia e como estão se sentindo”, conta. O medo de não ser reconhecido, de não ser amado, de não ser capaz de executar algo, o fato de estar sempre se comparando com o outro são alguns dos desabafos que Lola escuta para depois >

incentivar: “Mas o que está por trás disso? Olhe para o seu passado, em que momento você perdeu a confiança em si mesmo? Por que precisa de reconhecimento?”.

Para a paulistana Laura Lima, 22 anos, aluna da universidade há quatro meses, os projetos e as partilhas têm sido úteis, principalmente para aplacar a ansiedade. “Estou mais focada no momento presente. Hoje, eu vejo que passei parte da minha vida preocupada com o futuro, com o que eu iria ser e nunca com o que eu sou agora”, explica ela, formada em gastronomia, e que descobriu Piracanga por causa de duas primas que passaram pela experiência.

Fazer projeções para o futuro é algo que os moradores não desejam para os seus filhos. Ivana Jauregui, irmã de Lola e fundadora da Escola Viva (para crianças e jovens até 14 anos, idade do aluno mais velho), conta que, diferentemente das escolas tradicionais, lá são as crianças que dizem o que querem fazer. “Elas falam se querem pintar, costurar, dançar, fazer bolo, andar de canoa e, até mesmo, aprender a escrever, contar e falar outras línguas. Os alunos novos, que vieram de outras escolas, ficam muito entediados no começo, pois sempre tiveram alguém dizendo para eles o que fazer. Até que entram na nossa sintonia”, conta Ivana, que se inspirou no sistema de ensino Pestalozzi (para o educador suíço, sentimentos despertam a aprendizagem autônoma infantil).

Isso não significa que os alunos não tenham limites e regras. Na escola, até mesmo os pequenos de 2 anos lavam a própria louça e limpam o que sujam. E aplicam reiki quando alguém se machuca. Foi o que vi, surpresa, quando um grupo de crianças corria e uma delas caiu e chorava de dor. Imediatamente os coleguinhas pararam a brincadeira para fazer a imposição de mãos.

A felicidade que o espanhol Davit Giménez e a esposa mineira Gabriela viram em sua pequena Lis, 3 anos, quando chegaram

na ecovila, há três meses, e ela começou a frequentar a Escola Viva, foi um dos motivos que os levou a se mudar de vez para o lugar. “Ouvimos falar de Piracanga num curso de leitura de aura em Belo Horizonte. Vimos conhecer e descobrimos que aqui podemos viver de forma simples e respeitosa com nós mesmos e com a natureza.”

A sustentabilidade é um dos grandes focos de atenção de quem vive na comunidade e quem vai para lá precisa entrar na mesma onda. Xampus e sabonetes somente os naturais (há uma produção local à base de ervas e plantas), para não poluir a água. “Quando a ficha cai que nós criamos a nossa realidade, temos cada vez mais vontade de querer o melhor para nós e para tudo que nos cerca”, explica o fotógrafo João.

Quem se ama cuida

Esse estilo de vida tem levado muitas grávidas à ecovila baiana, estimuladas por cursos ou por outras mulheres que tiveram seus filhos lá. A parteira Chantal Langlois criou a Casa da Gestação, onde elas podem se hospedar sozinhas ou com seus maridos e filhos. O objetivo é ficar ali para elaborar as angústias da alma que afloram durante o processo de gestação. “Se a mulher se prepara para aceitar, perdoar, compreender essas questões, ela ilumina seus processos internos e, na hora de gestar, ela estará pronta para viver o momento mais glorioso da sua vida”, diz Chantal. Durante o período de nove meses – ou pelo menos de dois meses, o tempo mínimo exigido para participar da Casa – as mulheres usufruem de muitas experiências, entre elas aprender a plantar, fazer fraldas de pano e cremes para si mesmas e para os bebês. “Assim, ganham autoconfiança no ato de criar”, explica Chantal.

Contagiada pela vibração de Piracanga, eu também me sinto mais segura. Os meus olhos estão, agora, tão voltados para o lado de fora quanto para o de dentro. ✿



loga, arte e meditação são algumas das atividades práticas realizadas durante os cursos. Beatriz Chacel passou a gravidez de Kai, hoje com 2 anos, em Piracanga usufruindo das experiências de cura interior da Casa de Gestação